

La crisis global en su laberinto

De Arturo Guillén

Biblioteca Nueva / UAM-I. Colección Management
México, 2015.

|| Monika Meireles¹

AINDA SOBRE A CRISE: ARTURO GUILLÉN E O CAPITAL MONOPOLISTA-FINANCEIRO

Alguns livros gozam da sorte de chegar ao leitor em sintonia fina com a realidade na qual está imerso, ajudando-o de forma providencial na tarefa de compreendê-la. Essa feliz coincidência manifesta-se entre o texto que agora nos apresenta Arturo Guillén e os atuais desdobramentos da crise de 2007-2008. Para o leitor latino-americano, a mal sanada crise do capitalismo mundial — de forma conjunta com tensões políticas internas — vem gradualmente transformando a “onda rosa” dos governos progressistas da região em “ressaca conservadora”. A recente eleição de Mauricio Macri como presidente da vizinha República da Argentina é só o último capítulo dessa nova virada no palco de política regional. De forma mais

específica para o leitor brasileiro, o trabalho do economista mexicano calha com a campanha massiva de difamação dos governos petistas nos meios de comunicação, que não raras vezes gosta de pintar a crise brasileira como um fenômeno estanque, absolutamente não correlacionado às convulsões que seguem acometendo a economia mundial. Assim, a leitura aqui resenhada oferece uma chave de interpretação fundamental para que passemos da posição de leitores/cidadãos estupefatos diante dos acontecimentos da ordem do dia a cúmplices do autor na compreensão da natureza do capitalismo contemporâneo. Mas a inquietação continua: que minúcias fazem do livro uma leitura altamente recomendável? Se tivéssemos que apontar apenas uma característica, ficaríamos com o especial resgate de uma categoria analítica essencial: o capital monopolista-financeiro, inicialmente apresentado por Paul Sweezy, é aqui frutiferamente enriquecido.

Antes de nos apressarmos e pularmos diretamente às discussões mais teóricas, que estão reservadas aos três últimos capítulos do livro, façamos uma rota um pouco mais linear na leitura da obra. Já nos agradecimentos, Guillén nos revela duas dívidas intelectuais suas: a Alonso Aguillar, impulsor da *Revista Estrategia* e protagonista na discussão de um marxismo não dogmático no México, e a Gerard de Bernis, que encabeçou uma das correntes da escola regulacionista francesa. O livro arranca com cinco capítulos de caráter mais histórico e de análise de conjuntura, que abarcam desde os antecedentes estruturais da crise global que eclodiu em 2007-2008 até questões mais contemporâneas. De fato, nos dois primeiros capítulos, o fulcro da explicação da origem profunda dessa crise, afirma o autor, encontra-se na crise de valorização

1. Investigadora Associada C do Instituto de Investigaciones Económicas da Universidad Nacional Autónoma de México (IIEC-UNAM). E-mail: momeireles@iiec.unam.mx

do capital dos anos 1970. Mas se a resposta à crise de outrora foi a articulação do neoliberalismo em nível mundial, com o objetivo de tentar elevar a rentabilidade do capital por meio de inovação contínua e desregulação financeira, o êxito da estratégia foi apenas parcial — de tal forma que a crise de 2007-2008 pode ser interpretada como uma crise intrínseca a esse regime de acumulação com dominação financeira. Dito de forma mais apropriada: uma crise do seu modo de regulação. É justamente retomando a De Bernis que o autor lê as dificuldades atuais como uma crise de regulação em dois atos. A primeira fase é caracterizada como inflacionária e com tendências de franca abertura econômica, enquanto a marca do segundo período seria de deflação e protecionismo.

No terceiro capítulo, Guillén nos apresenta sua própria periodização da crise global. Nesse exercício, contamos as seguintes etapas: 1) o período de agosto de 2007 a setembro de 2008 foi marcado pela crise do mercado de créditos *subprime* e pela difusão da tensão por outros mercados e países, dado o esquema de finanças estruturadas, sendo que a América Latina não foi duramente atingida; 2) de setembro de 2008 a março de 2009 viveu-se o que agora se notabilizou chamar de Grande Recessão — analisada com maior detalhe no quarto capítulo —, período no qual as economias centrais viveram uma acelerada retração econômica, com especial destaque negativo para as economias da União Europeia — tema do quinto capítulo; e 3) de março de 2009 a 2013 se assiste a uma recuperação lenta

e desigual das economias desenvolvidas, somada a um novo surgimento de operações especulativas, em mercados de distintos países. Nessa terceira fase, os resultados da crise na América Latina se deixaram sentir com toda sua força, deixando cair por terra as sandices vinculadas às teses do “desacoplamento” das economias da região com relação às dificuldades do sistema como um todo. Vale mencionar também que o autor, acertadamente, vislumbra amanhecer de uma quarta fase, de estagnação generalizada e de renovado interesse por medidas de ajuste ortodoxo.²

Os três últimos capítulos do livro concentram-se, de forma explícita, na discussão teórica subjacente à análise do presente-histórico feita anteriormente. Assim, no sexto capítulo se leva a cabo a revisão crítica de três das correntes que ofereceram sua própria chave interpretativa sobre a origem, as causas, o desenvolvimento e as possíveis saídas da crise global. Uma delas é o *mainstream*, com sua frouxa justificativa que os bancos centrais só devem intervir em prol da estabilidade dos preços de bens e serviços, mas não se alarmar ante uma veloz subida dos preços dos ativos financeiros.³ Outra corrente é a das explicações neomarxistas de traço subconsumista, que defende a existência de um subconsumo crônico na raiz da tendência à estagnação econômica do capitalismo monopolista, e cuja crítica de Guillén, principalmente dirigida aos trabalhos de John Bellamy Foster e de Fred Magdoff, ressalta que a crise de 2007 nos Estados Unidos não foi causada por “falta de consumo”

2. Em suas próprias palavras: “No parece tratarse de una desaceleración suave y de riesgos a la baja, como los presenta el FMI y otros analistas, sino la probabilidad de nuevas crisis financieras, así como de una posible recesión generalizada de doble zambullida, que haría recordar 1934. Los severos programas de ajuste aplicados en muchas de las economías del mundo, empujan a ese escenario” (Guillén, 2015, p. 89).

3. Como nos explica o autor: “El escaso interés de la ortodoxia por vigilar el comportamiento de los precios de los activos financieros es comprensible. En realidad, uno de los objetivos principales de la lucha contra la inflación es asegurar la valorización de los activos financieros, ya que la inflación alta erosiona la rentabilidad de los mismos. Y la maximización de la ganancia financiera es uno de los objetivos principales en un régimen de acumulación dominado por las finanzas” (Guillén, 2015, p. 157).

— agregaríamos que mais bem se assistiu a um aumento massivo do consumo pelo maior endividamento das famílias — e que, se houve um achatamento do salário real, este se deu como resposta à crise dos anos 1970, ou seja, como a manifestação de uma das causas que contrariam a tendência à queda da taxa de lucro. A terceira corrente é o enfoque pós-keynesiano inspirado nas abordagens de Irving Fisher e de Hyman Minsky, que versaria, *grosso modo*, sobre a natureza das sistêmicas crises do capitalismo como crises essencialmente financeiras, e estas, por sua vez, tendo sua origem em crises do tipo dívida-deflação.

É nesse ponto, na parcial revisão das posições pós-keynesianas, que gostaríamos de nos deter um pouco. Se é certo que as interpretações de ordem minskyana podem pecar pelo excesso de peso dado à dinâmica financeira, isso não necessariamente implica em omissão, por parte do corpo analítico de orientação pós-keynesiana, de explicações da crise pautadas na “economia real”, como é polemicamente sugerido no livro de Guillén.⁴ Obviamente, a tônica dessa narrativa reside na concatenação de eventos como a desregulação e a inovação financeira e no redemoinho especulativo que ela gerou e que terminou acarretando na fragilidade típica das chamadas “finanças estruturadas”. Contudo, podemos enunciar dois elementos que fazem as vezes de contra-argumento à crítica de Guillén: a) a abordagem pós-keynesiana não é tão “minskycêntrica” como ele a retrata, o enfoque admite um amplo espectro de interpretações que não necessariamente são tão tributárias desse economista estadunidense e de autores que, sim, atribuem a origem da crise a

fenômenos da economia real — citemos, a título de exemplo, a leitura sobre a contínua subida dos custos dos bens e recursos energéticos a que faz referência James Galbraith (2014) como uma das causas profundas explicativas da crise; e b) o Minsky (1982,1986) que resenha Guillén não engloba a discussão que aquele faz sobre o *money manager capitalism*, que não casualmente remonta ao argumento de Rudolf Hilferding para analisar o desenvolvimento imbricado entre finanças e setor produtivo do pós-guerra (WRAY, 2011).

É no sétimo capítulo, ao discutir as diferenças e conexões entre financeirização, taxa de lucro e lucro financeiro, que o autor demonstra de maneira mais sistemática seu próprio arsenal teórico, sob a égide da influência de Marx, Hilferding e Sweezy. Do primeiro, se revê a importância do crédito e do capital portador de juros na acumulação de capital, destacando nesse repasse de categorias a de capital fictício — ou seja, aquele capital em forma de ações, obrigações, letras ou demais títulos financeiros cuja rentabilidade se dá pela propriedade de conferir a seu detentor a possibilidade de se apropriar da mais-valia futura, à semelhança do que acontece com a renda da terra. De Hilferding, nosso autor explica a definição de capital financeiro como uma nova forma de capital que surge da síntese entre capital industrial e bancário. A ideia inicial de Hilferding de ler as características do capitalismo alemão de princípio do século XX por meio da figura do capital financeiro e da explicação do “lucro do fundador” quando da abertura do capital da empresa — e que esta se converte numa Sociedade Anônima — é o ponto de partida para Guillén dar o que se pode

4. Para ser justo, o próprio autor, apesar de criticar esse viés “financeirista” da análise pós-keynesiana, também adere, ainda que parcial e criticamente, a alguns dos *insights* dessas leituras, como se lê no seguinte trecho: “*La crisis global no estuvo causada por una demanda efectiva insuficiente, sino que fue una crisis de deuda-deflación asentada en el sobreendeudamiento acicateado por la financiarización*” (Guillén, 2015, p. 173). Mas ele sempre deixa bastante claro que é fundamental ir além do esboçado nesse enfoque e efetuar uma análise pautada na perspectiva da reprodução social do capital (Guillén, 2015, p. 191).

chamar de “pulo do gato”: o que emerge da fusão do capital bancário com o capital industrial é uma nova fração da burguesia, uma nova oligarquia financeira que dita o dia a dia das operações dos grandes bancos e também deixa sua marca nas decisões estratégicas do capital produtivo, moldando a economia como um todo ao calor dos seus interesses.⁵ Com essa particular acepção de capital financeiro, Guillén regressa a Sweezy quando este sugeriu que se substituisse a noção de capital monopolista pela de *capital monopolista-financeiro*, para destacar a forma de se mover tipicamente oligopolizada — constituindo e recebendo renda monopólica na forma de lucro financeiro, juros, dividendos e “superlucros” oriundos da especulação nos mercados financeiros de ações e/ou derivativos — destes novos atores sociais.

O livro termina com a discussão sobre o futuro da hegemonia estadunidense. Antes de dar a conhecer sua opinião, Guillén revisa dois grupos de autores: os que entendem que a crise é mais um sinal do declínio da hegemonia dos Estados Unidos e aqueles que negam essa leitura. Do lado das evidências daqueles que diagnosticam o eclipse do poderio norte-americano, como as reiteradamente levantadas por Immanuel Wallerstein, encontramos a perda de força relativa dessa economia no que tange à produção industrial em nível global, restringindo o seu domínio atual ao uso da força bélico-militar e à dominação financeira. Por sua vez, encontramos uma subdivisão no grupo dos “negacionistas”: os de direita, ou neoconservadores (surdos ante qualquer referência de que o colosso do norte esteja mancando), e os de esquerda, como Leo Panitch e José Luis Fiori, mais cautelosos ao

vaticinar que o “império” anda mal das pernas, mas por outros motivos. Finalmente, uma vez feita a recuperação da categoria *consenso* de Gramsci, Guillén se diz cético com as teses que indicam que caminhamos a passos largos rumo a um mundo multipolar; ao contrário, entende que, sim, vivemos ainda sob o domínio estadunidense, mesmo que ele esteja claramente abatido.⁶

Duas últimas observações merecem ser feitas. Em primeiro lugar, deve-se salientar o exitoso esforço de um autor latino-americano de interpretar a crise global e multidimensional, considerando que o universo acadêmico segue ainda bastante eurocêntrico. Em segundo lugar, uma “queixa-amistosa” (se é que isso existe): já que o centro do livro foi justamente as economias do centro, fica a fraternal cobrança para que o autor, em trabalhos futuros, regressse às discussões sobre o desenvolvimento latino-americano em épocas de financeirização.

§

5. De forma cabal: “Lo que surge de la fusión del capital bancario y el capital industrial [...] es una nueva fracción de la burguesía que hegemoniza el poder económico y político: la oligarquía financiera, la cual domina no solo el accionar de los bancos y de las finanzas, sino que determina, también, el modus operandi de toda la economía” (Guillén, 2015, p. 211).

6. Nas palavras do autor: “La supremacía estadunidense es cada vez más, como se dijo arriba, una dominación sin hegemonía, es decir, una dominación sin consenso, lo cual no quiere decir que esté agotado” (Guillén, 2015, p. 278).

Referências

- GALBRAITH, J. *The end of normal: the great crisis and the future of growth*. Nova York: Simon & Schuster, 2014.
- GUILLÉN, A. *La crisis global en su laberinto*. Cidade do México: Universidad Autónoma Metropolitana y Editorial Biblioteca Nueva, 2015.
- MINSKY, H. *Can it happen again?* Nova York: Armonk – ME Sharpe, 1982.
- _____. *Stabilizing an unstable economy*. New Haven: Yale University Press, 1986.
- WRAY, R. Minsky's Money Manager Capitalism and the Global Financial Crisis. *In: Working Paper N° 661*. Levy Economics Institute of Bard College, março de 2011.